

Diário do Comércio MG – 05/09/2009

Brasil não corre o risco de apagão

Nível de investimentos para geração e o volume pluviométrico satisfatório contribuíram para a projeção

Marx Fernandes

A crise financeira, que derrubou a produção industrial nos últimos meses, afastou por pelo menos cinco anos o risco de apagão energético. De acordo com o presidente do Instituto Acende Brasil, Cláudio Sales, além da turbulência global, o nível de investimentos previstos para geração de energia elétrica, cerca de R\$ 15 bilhões ao ano até 2017, e o volume pluviométrico que deixou os reservatórios das usinas em níveis confortáveis, contribuíram para a projeção.

"Nossa última avaliação aponta com segurança que o Brasil não terá crises nos setor energético nos próximos cinco anos, revelando um quadro totalmente oposto ao de 2007, quando a situação estava crítica", ressaltou Sales.

A previsão otimista para o crescimento econômico seria de 4,4% ao ano de 2009 a 2013 segundo dados do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS). Mesmo considerando aspectos desfavoráveis, como baixo índice de chuvas, atraso na construção das usinas em obras ou na elaboração de projetos dos empreendimentos previstos, além do aumento da demanda da indústria, haverá superávit de energia de 2009 a 2013, garantiu Sales.

Os números do Acende mostram que neste ano o excedente de energia fecharia em cerca de 2 mil megawatts (MW). Em 2010 cairia para 1,8 mil MW, passando em 2011 para 2,3 mil MW e voltando a cair em 2012 para 1,4 mil MW.

Conforme Sales, a projeção do Instituto mostra que em 2013, quando do elenco de grandes projetos previstos para o setor já estarão completando cerca de um ano de operação, com as usinas de Santo Antônio e Jirau, no Rio Madeira, o excedente atingiria 2,9%. "O superávit energético reflete o baixo risco de racionamento nos próximos anos", afirmou.

Ainda de acordo com ele, a projeção de investimentos necessária para o setor suprir a demanda com níveis de crescimento econômico a 4,4% ao ano é "razoável e coerente" no cenário previsto. O Instituto prevê que o setor precisaria de cerca de R\$ 20 bilhões ao ano em geração, distribuição e transmissão.

Positivo - Para o presidente da Associação Brasileira de Infraestrutura e Indústrias de Base (Abdib), Paulo Godoy, pelos indicadores econômicos não há risco de qualquer desequilíbrio entre capacidade de oferta e demanda de energia elétrica.

"Até 2013, as condições de suprimento e contratação entre geradoras e distribuidoras são muito possíveis, com quase 100% do mercado atendido". Ressaltou Godoy. De acordo com ele, a projeção não considera os consumidores no mercado livre, fora do alcance e do planejamento das distribuidoras.

Conforme o presidente da Abdib, de um lado as condições de chuvas foram muito boas nos últimos meses e os reservatórios estão consideravelmente cheios. Do outro lado, a crise financeira reduziu o consumo, principalmente do setor industrial.

"Mesmo com a retomada do crescimento, que surge no horizonte da economia brasileira, não deverá causar qualquer risco de desabastecimento", avaliou.

Segundo informações da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), o setor de energia elétrica necessitará de R\$ 181 bilhões em investimentos até 2017, dos quais R\$ 142

bilhões na área de geração, com 54 mil MW, e R\$ 39 bilhões em transmissão, com 36 mil quilômetros de novas linhas.

A perspectiva estaria alinhada à forte participação da autoprodução, ou seja, a geração na própria unidade consumidora sem a utilização de redes de transmissão e distribuição.

Do total de 54 mil MW que serão ofertados, 16 mil MW correspondem a empreendimentos de geração já contratados e dos 38 mil MW restantes, apenas 2,5% seriam de termelétricas.